

Um olhar da psicologia sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes: uma revisão integrativa

A psychology's view on sexual violence against children and adolescents: an integrative review

Una mirada psicológica a la violencia sexual contra niños y adolescentes: una revisión integrativa

Recebido: 29/10/2022 | Revisado: 12/11/2022 | Aceitado: 13/11/2022 | Publicado: 20/11/2022

Daiana Targino Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3475-5359>

Universidade Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: daianafernandes.psi@gmail.com

Mayara Regina Costa Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1417-7459>

Universidade Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: mayara.regina10@gmail.com

Priscilla Cristhina Bezerra de Araújo Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5104-0614>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: priscilla_cristhina@yahoo.com

Beatriz Mendes Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0531-4044>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: biaamensp@gmail.com

Ana Izabel Oliveira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6755-5164>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: anaizabel.psi@gmail.com

Resumo

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um problema de saúde pública que desencadeia diversos prejuízos cognitivos, comportamentais, emocionais e sociais. Nesse sentido, objetiva-se identificar as práticas realizadas pela psicologia no contexto de violência sexual infanto-juvenil, em especial, destacar as consequências psicossociais e físicas e averiguar quais estratégias vêm sendo utilizadas pela psicologia para o combate do abuso sexual em crianças e adolescentes. O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa em que foram analisadas produções de 2016 a 2021 nos idiomas português, inglês e espanhol. A partir da análise dos 23 artigos encontrados, verificou-se quatro eixos temáticos: consequências físicas e psicológicas causadas pelo abuso sexual infantil, acolhimento institucional da criança, intervenções da psicologia frente ao abuso sexual e intervenções da psicologia no contexto familiar. Foi possível constatar a necessidade da escuta dos casos de violência sexual, a partir de técnicas de entrevista e recursos lúdicos, para dar voz a experiência da criança e do adolescente. No entanto, ainda existem limitações nos sistemas de justiça que dificultam a oferta de um espaço seguro e acolhedor para que essa escuta possa acontecer. Cabe, portanto, aos profissionais da psicologia buscar estratégias para lidar com tais limitações e ofertar práticas de cuidado.

Palavras-chave: Delitos sexuais; Criança; Adolescente; Psicologia; Saúde.

Abstract

Sexual violence against children and adolescents is a public health problem that triggers several cognitive, behavioral, emotional and social damages. In this sense, the objective is identify the practices performed by psychology in the context of child and adolescent sexual violence, especially to highlight the psychosocial and physical consequences and investigate what strategies have been used by psychology to combat sexual abuse in children and adolescents. The present study is an integrative review in which productions from 2016 to 2021 in Portuguese, English and Spanish were analyzed. From the analysis of the 23 articles found, four thematic axes were verified: physical and psychological consequences caused by child sexual abuse, institutional childcare, psychology interventions against sexual abuse and psychology interventions in the family context. It was possible to verify the need for listening to cases of sexual violence, using interview techniques and ludic resources, to give voice to the experience of the child and adolescent. However, there are still limitations in the justice systems that make it difficult to offer a safe and welcoming space for this listening to take place. It is, therefore, up to psychology professionals to seek strategies to deal with such limitations and offer care practices.

Keywords: Sex offenses; Child; Adolescent; Psychology; Health.

Resumen

La violencia sexual contra niños y adolescentes es un problema de salud pública que desencadena varios daños cognitivos, conductuales, emocionales y sociales. En este sentido, el objetivo es identificar las prácticas realizadas por la psicología en el contexto de la violencia sexual infantil y adolescente, especialmente para destacar las consecuencias psicosociales y físicas e investigar qué estrategias ha utilizado la psicología para combatir el abuso sexual en niños y adolescentes. El presente estudio es una revisión integradora en la que se analizaron las producciones de 2016 a 2021 en portugués, inglés y español. A partir del análisis de los 23 artículos encontrados, se verificaron cuatro ejes temáticos: consecuencias físicas y psicológicas causadas por el abuso sexual infantil, atención institucional a los niños, intervenciones psicológicas contra el abuso sexual e intervenciones psicológicas en el contexto familiar. Se pudo comprobar la necesidad de escuchar los casos de violencia sexual, a partir de técnicas de entrevista y recursos lúdicos, para dar voz a la experiencia del niño y del adolescente. Sin embargo, siguen existiendo limitaciones en los sistemas de justicia que dificultan que se ofrezca un espacio seguro y acogedor para que tenga lugar esta escucha. Por lo tanto, corresponde a los profesionales de la psicología buscar estrategias para hacer frente a esas limitaciones y ofrecer prácticas de atención.

Palabras clave: Delitos sexuales; Niño; Adolescentes; Psicología; Salud.

1. Introdução

A violência sexual contra crianças e adolescentes é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como qualquer atividade na tentativa de obter o ato sexual, seja ela por meio da exploração sexual, prostituição e/ou estupro, o que inclui desde práticas de carícias, manipulação da genitália, mama ou anus, voyeurismo, pornografia, exibicionismo até propriamente ao ato sexual com ou sem penetração (Freitas, 2013 & Behres, et al., 2022).

De acordo com Malta, et al., (2017), em um estudo realizado nos Serviços de Sentinela de Urgência nas capitais brasileiras a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes, a dificuldades em identificar lesões associados a situações de violência promove as subnotificações policiais e impedem o combate e prevenção. Outro complicador é o fato de que a maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes é cometido dentro das relações familiares. (Espinholo & Batista, 2013).

A vida adulta dos indivíduos que sofreram abuso sexual na infância e/ou na adolescência podem ser pautadas pela insegurança, dúvida, medo, vergonha e culpa. Fatores como o tipo de abuso que a pessoa sofreu, idade em que tal fato ocorreu, a duração e a frequência da violência têm relação direta com tais impactos, uma vez que são fatores que implicam o desenvolvimento e comportamento dessas pessoas (Rezende, 2013).

Embora as marcas biológicas mostrem a crueldade sofrida por essas vítimas, são as psicológicas que permanecem a longo prazo, como baixa autoestima, raiva, dificuldades sexuais, pensamentos suicidas, impactos nos relacionamentos familiares e sociais (Bazon, Faleiros, 2013 & Carli, et al., 2022).

Outro dado importante se remete a identificação e diagnóstico da violência sexual. Alguns profissionais da área médica relatam sentir dificuldades em diagnosticar a violência em decorrência, muitas das vezes, em não encontrar marcas físicas. Por isso, a literatura vem salientando a importância de atentar-se aos sinais, bem como, investir no preparo técnico e emocional desses profissionais frente a essas situações (Lira, et al., 2017).

Todo acolhimento médico e psicológico deve ser cauteloso. De acordo com Pfeiffer e Salvagni (2005), o acolhimento a essas vítimas se inicia pela sua dor, história, pensamentos e sentimentos, sem quaisquer preconceitos ou interrupção por parte de quem as ouve. Em casos de abuso sexual contra meninos e meninas com necessidades especiais, devem-se oferecer uma atenção acentuada, pois o risco de abuso sexual contra eles é maior (Panjota, et al., 2022).

No entanto, a lei nº 8.072 de 25 de julho de 1990 trata esta questão do abuso sexual de forma fragilizada nos processos de investigação devido a perda do relato infanto-juvenil, o que passa a transmitir aos olhos do agressor e da própria vítima a impunidade. Em alguns casos, a vítima pode acreditar que está abandonada e aprisionada pelo seu agressor (Pfeiffer & Salvagni 2005).

Diante dessa realidade torna-se imprescindível identificar as práticas realizadas pela psicologia no contexto de violência sexual infanto-juvenil, em especial, especificar as consequências psicossociais e físicas e averiguar quais estratégias vem sendo utilizadas pela psicologia para o combate do abuso sexual em crianças e adolescentes.

A questão problema do referido trabalho denota-se da seguinte forma: quais intervenções a psicologia vem desenvolvendo no contexto da violência sexual contra crianças e adolescentes?

2. Método

Apresenta-se aqui uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) baseada em evidências de estudos científicos da área da saúde. Segundo Galvão e Pereira (2014), a revisão integrativa visa identificar, analisar e coletar informações de determinados estudos científicos realizados a fim de apresentar destaques para temas que já foram abordados, gerando novos olhares e perspectivas sobre o problema em questão, bem como, conforme Sampaio e Mancini (2007), promover estratégias e intervenções.

Para a construção da pesquisa utilizou-se as seguintes etapas, conforme aborda: (1) delimitação do tema e construção da pergunta norteadora que embasou a pesquisa; (2) levantamento das publicações nas bases de dados selecionadas; (3) classificação e análise das informações achadas em cada manuscrito em planilha excel; (4) análise dos estudos escolhidos (a partir dos critérios de inclusão e exclusão); (5) apresentação dos resultados encontrados e, por fim, (6) inclusão, análise crítica dos dados encontrados e síntese da revisão da literatura (Souza et al., 2010).

A pergunta norteadora que geriu o processo de busca dos estudos foi: quais intervenções a psicologia vem desenvolvendo no contexto da violência sexual contra crianças e adolescentes? Na sequência, para a seleção dos artigos foram utilizados como base na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

A busca dos materiais a serem analisados foi realizada em outubro de 2021. Os descritores utilizados na pesquisa nos idiomas português, inglês e espanhol foram: “Violência/Abuso Sexual and Crianças and Adolescentes and Psicologia” – português/BR, “Sexual Abuse/Violence and Children and Teenagers and Psychology” – Inglês, e “Violencia/Abuse sexual and Niños and Adolescentes and Psicología” – espanhol.

Como critério de inclusão foram considerados os artigos entre os anos de 2016 a 2021, texto completo disponível online, escritos nos idiomas português, inglês e espanhol e que correspondiam ao objetivo deste trabalho. Já os critérios de exclusão pautaram-se em artigos que não estavam disponíveis gratuitamente nas bases de dados, em idiomas que não sejam inglês, espanhol e português e que não adentrem no tema proposto, bem como, artigos que não estão nos últimos cinco anos, incluindo teses, monografias.

Após a busca dos artigos foi construída e alimentada uma planilha no Excel for Windows para melhor organização dos dados coletados. Essa primeira planilha contém as seguintes informações: base de dados; descritores escritos nos idiomas inglês, espanhol e português; título dos artigos; e motivo da exclusão e inclusão.

Em seguida, foi desenvolvida uma segunda planilha contendo informações a respeito, especificamente: às bases de dados, título dos artigos, autores, idioma, ano de publicação, revista, país, objetivo, método, resultado e conclusão. Para a análise dos dados que seriam arrolados no estudo foi utilizado como metodologia a Análise Conteúdo. Essa metodologia consiste na compreensão de que o texto é um meio de expressão do sujeito, em que quem o analisa busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (Bardin, 1977). Assim sendo, corroborando com a teoria Bardin (1977), utilizou os 3 seguintes passos: 1) Pré-análise: Foi realizada uma leitura flutuando sobre os textos, levando em consideração o objetivo; 2) Exploração do material: foi trabalhado com a palavra,

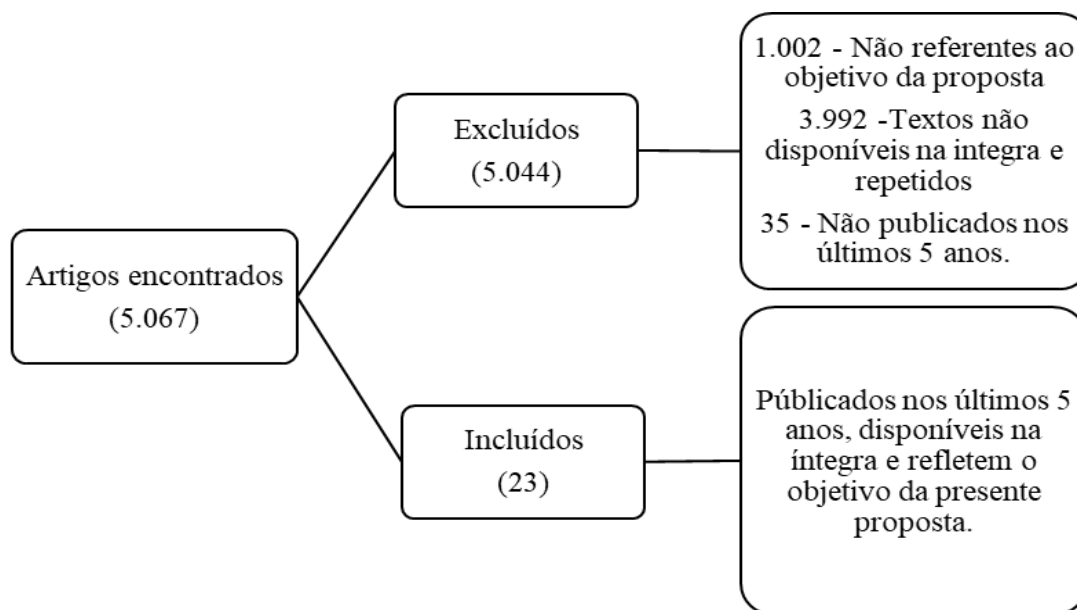
permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação dos textos; e, 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: utilizou-se da inferência como meio para compreender as informações, qualificando-os em núcleos temáticos,.

Ao final desse processo, foi possível identificar quatro eixos temáticos em comum nos artigos lidos, sendo eles: 1) consequências físicas e psicológicas causados pelo Abuso Sexual Infanto-juvenil (ASI); 2) acolhimento institucional da criança; 3) intervenções dos profissionais da psicologia frente ao AS e, por fim, 4) intervenções da psicologia no contexto familiar. O presente trabalho foi lido por dois juízes/pesquisadores comparando com a ajuda de um terceiro, a fim de vislumbrar as discrepâncias, justificando devidamente, bem como, identificando a exclusão dos artigos que não fazem parte dessa pesquisa.

3. Resultados e Discussão

Foram encontrados 5.067 (100%) artigos. Ao aplicar a classificação dos filtros, que correspondiam aos critérios de inclusão, 5.044 (0,95%) foram excluídos, restando 23 (0,5%) artigos. Os motivos da exclusão foram: 1.002 (19,87%) por não aderir ao objetivo da pesquisa, 3.992 (79,6%) por serem repetidos e não possuir texto completo disponível e 35 (0,53%) por não terem sido publicados nos últimos 5 anos (Figura 1).

Figura 1 - Resultado da busca bibliográfica.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Levando em consideração os descritores utilizados na presente pesquisa, constata-se o uso da psicologia como intervenção nos artigos (33%) de Darriba e Albuquerque (2018), Aznar-Blefari, et al., (2020), Campos (2016), Sanson e Hohendorff (2021), Guerra e Arredondo (2017), Pelisoli e Dell'Aglio (2016) e Oliveira e Russo (2017).

Houve também artigos (67%) que mencionava a psicologia e outras áreas, sendo eles: Pelisoli e Dell'Aglio (2016), Nascimento, et al., (2016), Sanson e Read (2017), Corrêa e Hohendorff (2020), Rajan, et al. (2020), López e Lefèvre (2019), Carvalho e Stengel (2018), Mwanukuzi e Nyanganga (2021), Arpini, et al., (2017), Silva, et al. (2020), Andrade e Souza (2018), Hohendorff, et al., (2017), Morete, et al., (2018), Jacob, et al., (2020), Pereira, et al., (2019) e Fontes, et al., (2017). Veja a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos incluídos na presente pesquisa.

Título	Base de dados	Ano	Idioma	Revista	Autores
Depoimento especial a partir de opiniões de psicólogos brasileiros atuantes nessa prática.	LILACS	2021	Português	Psico-USF	Sanson e Hohendorff
"It os painful and unpleasant": experiences of sexual violence among married adolescent girl in shinyanga, tanzania.	MEDLINE	2021	Inglês	Reproductive Health	Mwanukuzi e Nyamhanga
Atuação de psicólogos em alegações de violência sexual: boas práticas nas entrevistas de crianças e adolescentes.	LILACS	2020	Português	Psico-USF	Aznar-Blefari, Schaefer, Pelisoli e Habigzang
Os impactos da violência sexual vivida na infância e adolescência em universitários.	LILACS	2020	Português	Revista de Saúde Pública	Silva, Monge, Landi, Zenardi et al.
Atuação da delegacia de proteção a criança e ao adolescente em casos de violência sexual.	LILACS	2020	Português	Estudos e Pesquisas em Psicologia	Corrêa e Hohendorff
The relationship of childhood sexual and physical abuse with adulthood disability.	MEDLINE	2020	Inglês	Annals of Pysical and Rehabilitation Medicine	Jacob, Thoumie, Haro e Koyanagi
Health care consumption among adolescent girls prior to diagnoses of sexual abuse, a case control study in the Stockholm Region.	MEDLINE	2020	Inglês	European Child & Adolescent Psychiatry	Rajan, Ljunggren, Wändell, Wahlstöm et al.
Validação da escala de crenças sobre abuso sexual (ECAS) no contexto brasileiro.	LILACS	2019	Português	Psico-USF	Pereira, Maciel, Dias e Alexandre
Descubrimiento del abuso sexual del niño: revelación o silencio.	LILACS	2019	Espanhol	Revista Cubana de Salud Pública	Lopez e lefevre
Família e instituições de acolhimento.	LILACS	2018	Português	Estudos e Pesquisa em Psicologia	Carvalho e Stengel
A suspeita de abuso sexual e o psicanalista.	LILACS	2018	Português	Estilos Clínicos	Darriba e Albuquerque
Os profissionais do disque 100: afetos decorrentes do atendimento a denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes.	LILACS	2018	Português	Psicologia em Revista	Andrade e Souza
Técnicas de entrevista em casos de abuso sexual infantojuvenil: uma revisão sistemática.	SCIELO	2018	Português	Psicologia Argumento	Morete, Gallo e Rocha
Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impacto sobre a saúde mental.	LILACS	2017	Português	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Fontes, Conceição e Machado
O ponto de vista de adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o agressor sexual.	LILACS	2017	Português	Pesquisas e Práticas Psicossociais	Arpini, Savegnago e Witt
Abuso sexual infantil em laudos psicológicos.	LILACS	2017	Português	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Oliveira e Russo
Investigación sobre psicoterapia en abuso sexual infantil: ¿una tarea pendiente en chile?	LILACS	2017	Espanhol	Summa Psicológica UST	Guerra e Arredondo
Parceria com a rede de atendimento no estudo da violência sexual infantil.	SCIELO	2017	Português	SPAGESP	Hohendorff, Postay, Habigzang e Koller
Are mental health staff getting better at asking about abuse and neglect?	MEDLINE	2017	Inglês	International Journal of Mental Health Nursing	Sampson e Read
A humanização do sistema de justiça por meio do depoimento especial: experiências e desafios.	LILACS	2016	Português	Psico-USF	Pelisoli e Dell'Aglio
A relação entre o processo de construção do juízo moral em crianças e adolescentes e sua propensão a silenciar sobre eventuais abusos sexuais sofridos.	SCIELO	2016	Português	Ciências & Cognição	Nascimento, Rosa e Alencar
Criança vítima de violência sexual: recortes de um caso atendido na abordagem centrada na pessoa.	SCIELO	2016	Português	Psicólogo Informação	Campos
Tomada de decisão de psicólogos em situações de suspeita de abuso sexual.	SCIELO	2016	Português	Trends in Psychology/Tem As em Psicologia	Pelisoli e Dell'Aglio

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Foi identificado que a maioria (30,5%) das pesquisas utilizaram estudos quantitativo: Fontes, Conceição e Machado (2017), Guerra e Arredondo (2017), Oliveira e Russo (2017), Carvalho e Stengel (2018), Pereira, et al., (2019), Nascimento, et al., (2016) e Pelisoli e Dell’Aglío (2016). Outros (30,5%) realizaram pesquisa qualitativa: Arpiní, et al., (2017), Andrade e Souza (2018), Corrêa e Hohendorff (2020), Sanson e Hohendorff (2021), Hohendorff, et al., (2017), Rajan, et al., (2020) e Mwanukuzi e Nyanganga (2021).

Houve artigos (8,8%) que fizeram uso de pesquisa descritiva: López e Léfrevé (2019) e Silva et al. (2016); artigos (8,8%) que realizaram estudo caso: Pelisoli e Dell’Aglío (2016) e Campos (2016); artigo (4,4%) que realizou pesquisa do tipo explicativa: Sanson e Read (2017); artigos (4,4%) que realizou estudos empíricos: Morete, et al., (2018); artigos (8,8%) que não informavam o tipo de pesquisa realizada: Darriba e Albuquerque (2018) e Aznar-Blefari, et al., (2020), e, por fim, artigo (4,4%) que realizou pesquisa transversal: Jacob et al., (2020).

Com relação a revista em que foram publicadas, 4 (17,4%) artigos constava na Psico-USF, 2 (8,7%) artigos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2 (8,7%) artigos em Estudos e Pesquisa em Psicologia, 1 (4,4%) artigo em Pesquisas e Práticas Psicossociais, 1 (4,4%) artigo em Summa Psicológica UST, 1 (4,4%) artigo em Estilo Clínicos, 1 (4,4%) artigo em Psicologia em Revista, 1 (4,4%) artigo em Revista Cubana em Saúde, 1 (4,4%) artigo em Revista de Saúde Pública, 1 (4,4%) artigo em Psicologia Argumento, 1 (4,4%) em SPAGESP, 1 (4,4%) artigo em Ciência e Cognição, 1 (4,4%) artigo em Psicólogo Informação, 1 (4,4%) artigo em Trends in Psychology, 1 (4,4%) artigo em International Journal of Mental Health Nursing, 1 (4,4%) artigo em Annals of Physical and Rehabilitation Medicine, 1 (4,4%) artigo em European Child & Adolescent Psychiatry e 1 (4,4%) artigo em Reproductive Health.

A leitura dos artigos permitiu chegar em consonância a presença de quatro eixos temáticos: consequências físicas e psicológicas causadas pelo abuso sexual infantil; acolhimento institucional da criança; intervenções da psicologia frente ao abuso sexual e intervenções da psicologia no contexto familiar.

3.1 Consequências físicas e psicológicas causados pelo abuso sexual Infanto-Juvenil (ASI)

As análises descritivas identificaram que em médias jovens abusados sexualmente apresentam baixa interação social, insônia e sentimento de solidão. Esses impactos demonstram a gravidade da violência sexual sobre a saúde mental das vítimas, como por exemplo, depressão, ansiedade, ideação suicida, tentativas de suicídio e abuso/dependência de substâncias, bem como, comportamentos sexuais de risco e maior necessidade de suporte médico durante toda a sua vida (Fontes, et al., 2017).

A exposição a maus-tratos na infância contribui ativamente para o desenvolvimento de deficiências, isto é, em termos físicos e psicológicos (baixa autoestima, agressividade, dificuldades em se relacionar com outras pessoas, dificuldades de aprendizagem, depressão, automutilação, tentativas de suicídio, entre outros), na idade adulta do indivíduo. Esse dado é explicado pela ciência médica por causa do envelhecimento biológico, desregulação da resposta neuroendócrina ao estresse, modificações epigenéticas e moléculas pró-inflamatórias (Jacob, et al., 2020).

Na pesquisa realizada por Andrade e Souza (2018) nos atendimentos dos profissionais (teleatendentes, monitores e escuta especializada) do disque 100 foi possível identificar pelos ouvintes (crianças e adolescentes) raiva/revolta/ódio, nojo, tristeza/sofrimento, frustração/impotência, angústia/adoecimento, humanização e satisfação/felicidade, aonde cada qual está relacionado aos fatos relatados.

Silva, et al. (2020) aponta que a violência sexual em adolescentes colabora para o desenvolvimento depressão, ansiedade, Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) problemas de sono, fobias, transtornos alimentares, tentativa ou ideação suicida, automutilação e abuso de drogas com depressão e TEPT permanecendo as formas mais comuns de problemas mentais associados ao abuso sexual.

Já as crianças apresentam um agravamento maior quanto as consequências da violência sexual, sendo relatadas queixas como comportamento sexual de risco (início precoce da atividade sexual consensual, múltiplos parceiros e intercurso sexual desprotegido), timidez, isolamento, vulnerabilidade a se tornarem vítimas novamente desta ou de outras formas de violência, problemas acadêmicos, delinquência, baixa autoestima, agressividade, condutas autodestrutivas, desesperança em relação ao futuro, mentiras e dificuldade em confiar nos outros (Silva, Monge, Landi, Zenardi et al., 2020).

3.2 Acolhimento institucional da criança

Os textos analisados apontaram para os desafios na oferta de escuta e acolhimento para crianças e adolescentes vítimas de violência e destacaram algumas estratégias já implementadas para investigar casos como esses recolhendo provas necessárias e ao mesmo se preocupando com a saúde mental dessas pessoas, sendo eles: Depoimento Especial (DE) e Escuta Especializada (EE).

De acordo com autores, os casos de abuso sexual são acometidos por pessoas que estão próximas as vítimas, ou seja, aqueles de convívio social, como, pai, mãe, irmãos, tios, avós, cuidadores e assim por diante. O público desses agressores, são pessoas que aparentam mais vulnerabilidade (López & Lefèvre, 2019).

Visando apurar provas contra essas formas de violência, os Sistemas de Justiça criaram o Depoimento Especial (DE), que é uma prática interventiva adotada para investigar os danos causados pelo abuso sexual em crianças e adolescentes vítimas dessa violência (Pelisoli & Dell’Aglia, 2016).

As Entrevistas do DE com o uso do protocolo National Institute of Child Health and Human Development (NICHD) adentra na escuta e acolhimento dessas pessoas, sendo considerada uma ferramenta importantíssima na identificação dos fatos ocorridos e das suas consequências. Porém, essa ferramenta contém questões de múltiplas escolhas e sugestivas, ou seja, questões que já apontam para uma resposta/situação, o que proporciona uma perda do relato infantil. Os autores afirmam que as entrevistas que não utilizam o protocolo NICHD estabelecem mais abertura na obtenção de dados sobre o abuso sexual, viabilizando aderência na investigação, pelo fato de priorizar a fala da criança/adolescente (Morete, et al., 2018).

O papel da psicologia no DE requer extrema responsabilidade e integração com outras áreas do saber (assistente social, psiquiatras, psicopedagogos e etc), isto diz respeito não só a formação, mas a ética, o treinamento e a habilidade. Características essenciais no processo de escuta, entrevista e intervenção no que se refere a pessoa envolvida. Proporcionado assim, uma atuação fidedigna e ética no exercício da psicologia jurídica (Pelisoli & Dell’Aglia, 2016).

A Escuta Especializada (EE) também é um dos parâmetros empregados nos processos de investigação e depoimentos de crime quanto a violência sexual infantojuvenil e tem por finalidade obter informações que comprovem o crime denunciado, sendo que os seus questionamentos devem ser regidos por uma preparação técnica e responsável voltada ao acolhimento, evitando ao máximo intervenções sugestivas que contaminem as provas (Aznar-Blefari, et al., 2020).

Já com relação a Escala de Crenças Sobre o Abuso Sexual (ECAS), uma ferramenta utilizada por profissionais da saúde, segundo Pereira, et al., (2019), apresenta eficiência na identificação de situações ilícitas, sucedendo contribuições no âmbito da pesquisa, prevenção e intervenções no combate a violência sexual infantojuvenil. Seus estudos de validação também têm influência significativa para o processo de investigação e coleta de dados, tornando consistente sua fidedignidade.

Percebe-se que muitos fatores estão associados no descobrimento do abuso sexual sofrido por uma criança. O primeiro é compreender que aquela criança está sofrendo e anseia por proteção (Arpini, et al., 2017).

Desta forma, o processo de escuta, quando levado as autoridades, passa a expressar vários cunhos científicos, englobado os aspectos médicos, psicológicos, jurídicos e educativos, que acaba por trazer a vítima uma situação desconfortável em meio ao rompimento do silêncio, principalmente se a pessoa associada a situação de abuso, for um parente ou familiar próximo. A noção de vulnerabilidade se constitui em uma importante ferramenta para analisar essas situações (Arpini, et al., 2017).

Corrêa e Hohendorff (2020) aponta que a atuação de profissionais psicólogos dentro das atuações das delegacias de proteção pode contribuir na redução do adoecimento mental das vítimas de VS, bem como, dos profissionais que ali estão envolvidos. Segundo os autores, esse suporte psicológico se deve a ter por meio da comunicação com todos os serviços prestados e disponíveis para que essa conexão seja de melhor qualidade.

3.3 Intervenções da psicologia frente ao abuso sexual Infanto-Juvenil (ASI)

O conhecimento e aprofundamento do psicólogo no que concerne a prática médica, é essencial, visto que, são os laudos médicos e periciais que fundamentam os casos de abuso sexual. No entanto, é necessário atentar-se à complexidade que cada caso requer, a fim de propiciar o melhor apoio, acolhimento e tratamento frente a demanda (Silva, et al., 2020).

Os textos analisados basearam-se em diferentes abordagens clínicas para pensar sobre a violência sexual infanto-juvenil, sendo elas: a Psicanálise, Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Na perspectiva da abordagem psicanalítica a criança é percebida frente a esse contexto como um ser de cuidado e proteção. Atribuindo essa percepção as esferas jurídicas, podemos compreender que a criança toma o lugar de “vítima passiva” (no sentido de que a criança e/ou adolescente torna-se vulnerável) como objeto de desejo do outro, no caso, o agressor, devendo ser atribuída a um lugar protetivo e que respalde o cuidado. O sentido adotado diante da situação abusiva vivenciada pela criança e/ou adolescente mostra uma posição subjetiva, sendo manifestada pelas suas vivências, fantasias e desejos. Porém, para que possamos compreender tais preceitos é fomentado a necessidade de uma escuta e a análise do que é relatado (Darriba & Albuquerque, 2018).

Nos atendimentos clínicos psicanalíticos, até mesmo em outras abordagens da psicologia, umas das possibilidades que fornece abertura no que se refere a verdade é por meio da fantasia – recurso lúdico, pois, é por meio dela que se pode ter acesso as situações traumáticas, bem como, o estabelecimento de possíveis intervenções que fundamentaram os processos psicológicos (Darriba & Albuquerque, 2018).

A psicoterapia na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) buscar investigar as possibilidades de tratamentos que podem estar disponíveis, e conseqüentemente, fornecer ajuda as imposições proporcionadas pelo ASI, como, alívio dos sintomas, dar apoio à família, informação e meios de lidar com a situação e etc. Segundo os autores, a TCC demonstra que suas técnicas interventivas voltadas ao tratamento dos traumas são eficazes, isto, dado a sua rápida ação na resolução de problemas (Guerra & Arredondo, 2017).

Psicólogos que atuam por meio da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) propõem questionamentos sobre o cognitivo, emocional, social e familiar. Tendo esses atributos em mente é possível ater-se ao cuidado e proteção que essa criança não teve no decorrer do seu desenvolvimento, fazendo um delineamento a respeito dos impactos trazidos pela vivência traumática (Campos, 2016).

Independentemente da linha teórica que abarca o campo da psicologia, denota-se a importância em conhecer e compreender as fases de desenvolvimento que atravessam a vida da criança e do adolescente para que se possam analisar os danos causados pela violência sexual com mais clareza e precisão, contribuindo assim, para a proposição de práticas de cuidado adequadas (Darriba & Albuquerque, 2018; Guerra & Arredondo, 2017; Campos, 2016).

3.4 Intervenções da psicologia no contexto familiar

Pensando na complexidade inerente violência sexual contra crianças e adolescentes, nota-se uma carência alarmante quanto as questões familiares que perpassam essas situações. O comportamento das mães após a revelação da VS inclui dúvidas quanto ao seu papel protetor e de mulher, que podem implicar para a rejeição da vítima, gerando desgastes

imensuráveis em ambas as relações e que podem interferir no desenvolvimento da criança/adolescentes (Nascimento, et al., 2016)

Sanson e Hohendorff (2021) já retrata que é possível inferir a ideia de que existe uma falta de credibilidade por parte da família e da sociedade acerca da vivência dos indivíduos que sofreram abuso sexual, demarcando os traumas e sofrimentos ainda experienciados pelas mesmas.

As adolescentes que participaram da pesquisa realizada por Mwanuuzi e Nyanganga (2021) responderam ao questionamento sobre a luta contra o sexo forçado e relataram que não gostavam de sexo devido à violência emocional e até mesmo física que sofriam, além de serem obrigadas a casar em meio a adolescência para esconder os abusos sofridos. Alegavam também que quando os familiares ouviam o que se passava dentro do quarto não se mobilizavam, ao invés disso, aconselhavam-nas a serem tolerantes, favorecendo a culturalização de uma sexualidade desregrada.

Os profissionais da saúde (psicólogos, médicos, assistentes sociais, enfermeiros e etc) precisam pautar-se na atuação voltada aos fatores intrínsecos (baixa autoestima, perda de apetite, dificuldades escolares, depressão, ansiedade, entre outros sintomas) e extrínsecos (comportamentos de riscos/lesões) para reduzir os impactos do abuso sexual, bem como, construir uma comunicação saudável e de confiança na criança e na família. Seguindo com a proposta apresentada pelos autores, a Terapia Familiar Dirigida, propõe o reconhecimento das questões – problemas, o fornecimento de um plano de cuidado seguindo as redes de apoio disponíveis, aplicar mudanças nos comportamentos coercivos, ilícitos e impulsivos, caracterizando o delineamento das problemáticas vigentes (López & Lefèvre, 2019).

As famílias, assim como as vítimas, necessitam de um olhar mais atencioso e empático, pois, muitas das vezes é notadamente fornecido apenas a pessoa que passou por essas experiências traumáticas, viabilizando a culpabilização dos genitores que tinha sob sua responsabilidade aquele familiar fragilizado em termos físicos e psíquicos. Partindo dessa premissa pode-se embasar atuações quanto ao acolhimento dos sentimentos dos genitores, análise das problemáticas levantadas, fortalecimento da rede de apoio disponíveis próximo às famílias, bem como, formulação de estratégias de enfrentamento (Arpini, et al., 2017).

Por essas questões, enfatiza-se o contínuo investimento em pesquisas na área mencionada, a fim de trazer benefícios e reestruturação para as vítimas de ASI e suas famílias. Segundo Guerra e Arredondo (2017), não se trata em construir “receitas interventivas”, mas gerar possibilidades de atuações consistentes frente as orientações dessas direções. Significando o desdobramento de protocolos embasados que defendam a atuação do profissional psicólogo no manejo de suas ações.

4. Conclusão

Conclui-se que os resultados obtidos nesse estudo possibilitaram responder aos objetivos propostos, ou seja, oportunizaram a compreensão a respeito da escuta da criança e do adolescente, bem como, elencaram as consequências físicas e psicológicas atribuídas a violência sexual infanto-juvenil, assim como, fundamentaram a atuação dos familiares.

Compreendendo a magnitude em que se dá a violência sexual contra crianças e adolescentes, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos que avaliem a efetividade de modelos de intervenção psicológica. O psicólogo pode ajudar no processo de enfrentamento das consequências biopsicossociais a partir de uma escuta não julgadora, levando a criança a encontrar as ferramentas necessárias para lidar com os seus sentimentos ao oferecer um espaço acolhedor.

Pensando nesses aspectos, frisa-se a importância da educação sexual na comunidade, nas unidades básicas de atenção à saúde e nas escolas, partindo da premissa do que é violência sexual e como isso acontece, identificando os fatores de riscos que essas crianças e adolescentes possam vivenciar e possivelmente configurando-se um abuso sexual.

A atuação da psicologia frente as situações que envolve violências sexuais infanto-juvenis corrobora para a redução dos prejuízos cometidos por ela. Porém, ainda percebemos que há algumas limitações nesses fazeres, como, necessidade em

apresentar um diagnóstico, excesso de formalização nos tribunais de justiça e perda do relato infantil nas investigações, fazendo-se importante a revisão das suas contribuições teóricas e técnicas para propormos práticas de cuidado em saúde mental.

Espera-se, portanto, que as contribuições desse trabalho sirvam de subsídio para a produção de outras pesquisas relacionadas a violência sexual contra crianças e adolescentes, em especial, a atuação da psicologia frente a tais situações, visando não somente o acolhimento das vítimas e suas famílias, como também proposição de intervenções direcionadas aos profissionais que atuam com situações de violência. Faz-se necessário também investir em trabalhos psicoeducativos nas esferas jurídicas e nos ambientes públicos e privados para as pessoas que praticam a violência sexual, respaldando a liberdade, a proteção e o direito de todos enquanto seres individuais e sociais.

Referências

- Andrade, V. N. G., & Sousa, S. M. G. (2018). Os profissionais do disque 100: afetos decorrentes do atendimento a denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes. *Psicologia em Revista*, 24(1), 209-229. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p209-229>.
- Arpini, D. M., Savegnago, S. D. O., & Witt, C. dos S. (2017). O ponto de vista de adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o agressor sexual. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, (12)2, 247-262. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200002&lng=pt&nrm=iso.
- Aznar-Blefari, C., Schaefer, L. S., Pelisoli, C. da L., & Habigzang, L. F. (2020). Atuação de psicólogos em alegações de violência sexual: boas práticas nas entrevistas de crianças e adolescentes. *Psico-USF*, (25)4, 625-635. <http://dx.doi.org/10.1590/1413/82712020250403>.
- Bazon, M. R., & Faleiros, J. M. (2013). Identificação e notificação dos maus-tratos infantis no Setor Educacional. *Paidéia*, (23)54, 53-61. <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v23n54/0103-863X-paideia-23-54-00053.pdf>.
- Bardin L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, (70), 1-275.
- Behrens, B., Muccini, D., et al. (2022). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma violação de direitos. *Research, Society and Development*, (11)10, 1-14. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.28730>.
- Campos, J. (2016). Criança vítima de violência sexual Recortes de um caso atendido na Abordagem Centrada na Pessoa. *Psicólogo informação*, (20)20, 26-47. <https://doi.org/10.15603/2176-0969/pi.v20n20p25-47>.
- Carvalho, A. L., & Stengel, M. (2018). Família e instituições de acolhimento nos cuidados a adolescentes vítimas de incesto. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, (18)2, 425-444. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000200003&lng=pt&nrm=iso.
- Carli, P., & Figueiredo (2022). Violência sexual contra crianças e adolescentes em tempo de pandemia. *Research, Society and Development*, (11)9, 1-13. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31649>.
- Corrêa, F., & Hohendorff, J. V. (2020). Atuação da delegacia de proteção à criança e ao adolescente em casos de violência sexual. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, (20)1, 9-29. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.50787>.
- Darriba, V. A., & Albuquerque, A. B. de. (2018). A suspeita de abuso sexual e o psicanalista. *Estilos Clínicos*, (23)3, 611-625. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i3p611-625>.
- Espindola, G. A. & Batista, V. (2013). Abuso sexual infanto-juvenil: a atuação do Programa Sentinela na cidade de Blumenau/SC. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(3), 596-611. <https://www.redalyc.org/pdf/2820/282028779007.pdf>. Acesso em: 06 de nov. de 2021.
- Fontes, L. F. C., Conceição, O. C., & Machado, S. (2017). Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, (22)9, 2919-2928. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11042017>.
- Freitas, C. P. P., & Habigzang, L. (2013). F. Percepções de psicólogos sobre a capacitação para intervenção com vítimas de violência sexual. *Psicol. Clin.*, (25)2, 215-230. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652013000200013&lng=pt&nrm=iso.
- Galvão, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiol. Serv. Saúde*, (23)1, 183-184. http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso.
- Guerra, C., & Arredondo, V. (2017). Investigación sobre psicoterapia en abuso sexual infantil: ¿una tarea pendiente en Chile? *Summa Psicológica UST*, (14)1, 1-11. https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&prev=_t&sl=es&tl=pt&u=http://summapsicologica.cl/.
- Hohendorff, J. V., Postay, A. T., Habigzang, L. H., & Koller, S. H. (2017). Parceria com a rede de atendimento no estudo da violência sexual infantil. *Revista da SPAGESP*, (18)2, 140-160. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000200012&lng=pt&nrm=iso.
- Jacob, L., Thoumie, P., Haro, J. M., & Koyanagi, A. (2020). The relationship of childhood sexual and physical abuse with adulthood disability. *Anais de Medicina Física e de Reabilitação*, (63), 332-339. <https://doi.org/10.1016/j.rehab.2019.06.005>.

- Liro, M. O. De S. C. et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. (2017). *Texto contexto – enferm.*, Florianópolis, (26)3, 2-8 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072017000300320&lng=en&nrm=iso.
- López, C. G., & Lefèvre, F. (2019). Descubrimiento del abuso sexual del niño: revelación o silencio. *Revista Cubana De Salud Pública*, (45)1, 1-18. https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.es_ES.
- Malta, D. C., Bernal, R. T. I., Teixeira, B. De S. M., Silva, M. M. A., & Freitas, M. I. De F. (2017). Fatores associados a violências contra crianças em Serviços Sentinela de Urgência nas capitais brasileiras. *Ciênc. Saúde Coletiva*, (22)9, 2889-2898. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902889&lng=en&nrm=iso.
- Morete, V. S., Gallo, A. D., & Rocha, G. V. M. da. (2018). Técnicas de entrevista em casos de abuso sexual infantojuvenil: uma revisão sistemática. *Psico. Argum.*, (36)91, 70-92. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.36.91.AO05>.
- Mwanukuzi, C., & Nyanganga. T. (2021). “It is painful and unpleasant”: experiences of sexual violence among married adolescent girls in shinyanga, Tanzânia. *Reprod Health*, (18), 1-7. <https://doi.org/10.1186/s12978-020-01058-8>.
- Nascimento, D. B., Rosa, E. M., & Alencar, H. M. de. (2016). A relação entre o processo de construção do juízo moral em crianças e adolescentes e sua propensão a silenciar sobre eventuais abusos sexuais sofridos. *Ciências & Cognição*, (21)2, 274-286. <http://www.cienciasecognicao.org/revista>.
- Oliveira, D. C. C., & Russo, J. A. (2017). Abuso sexual infantil em laudos psicológicos: as “duas psicologias”. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, (27)7, 579-604. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000300011>.
- Panjota, G., Canale, L., et al. (2022). Agravamento dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Research, Society and Development*, (11)14, 1-9. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36316>.
- Pelicoli, C., & Dell’Aglia, D. D. (2016). A humanização do sistema de justiça por meio do depoimento especial: experiências e desafios. *Psico-USF, Bragança Paulista*, (21)2, 409-421. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210216>.
- Pelicoli, C., & Dell’Aglia, D. D. (2016). Tomada de Decisão de Psicólogos em Situações de Suspeita de Abuso Sexual. *Temas em Psicologia*, (24)3, 829-841. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.3-04>.
- Pereira, C. de A., Maciel C. S., Dias, V. C. C., & Alexandre, O. de M. T. (2019). Validação da Escala De Crenças Sobre Abuso Sexual (Ecas) no contexto brasileiro. *Psico-USF*, (24)1, 145-158. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240112>.
- Pfeiffer, L., & Salvagni, E. P. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *J. Pediatr. (Rio J.)*, (81)5, 197-204. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700010&lng=en&nrm=iso.
- Rajan, G., Ljunggren, G., Wändell, P., Wahlström, L., et al. (2020). Consumo de cuidados de saúde entre meninas adolescentes antes do diagnóstico de abuso sexual, um estudo de caso-controle na região de estocolmo. *Psiquiatria Infantil e Adolescente Europeia*, (29), 1363–1369. <https://doi.org/10.1007/s00787-019-01445-y>.
- Rezende, S. J. (2013). As cicatrizes: os impactos na vida adulta do abuso sexual infantil. *Raízes do Direito*, (2)1, 87-100. <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/raizesnodireito/article/view/663>.
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de uma revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Rev. bras. fisioter.*, (11)1, 83-89. <https://www.scielo.br/pdf/rbfbis/v11n1/12.pdf>.
- Sampson, M., & Read, J. (2017). Are mental health staff getting better at asking about abuse and neglect? *International Journal Of Mental Health Nursing*, (26), 95-104. <https://doi.org/10.1111/inm.12237>.
- Sanson, J. A. S., & Hohendorff, J. V. (2021). Depoimento Especial a partir de Opiniões de Psicólogos Brasileiros Atuantes nessa Prática. *Psico-USF*, (26)1, 27-39. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712021260103>.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>
- Silva, F. C. Da, Monge A., Landi A. C., Zenardi, A. G., et al. (2020). Os impactos da violência sexual vivida na infância e adolescência em universitários. *Rev. Saúde Pública*, (54)134, 1-11. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102020000100309&lng=en&nrm=iso.